

## **Pandemia de Covid-19 como Acontecimento e a Desinformação nas Páginas do Jornal A Gazeta<sup>1</sup>**

Rogério Antônio de LIMA JÚNIOR<sup>2</sup>  
Tamires Ferreira COELHO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá

### **RESUMO**

Este texto parte de uma pesquisa que tem como objetivo compreender a construção da pandemia de Covid-19 como acontecimento (FRANÇA, 2012) no jornal impresso cuiabano A Gazeta, bem como entender indícios sobre o atravessamento do fenômeno da desinformação em sua cobertura. Para isso, a pesquisa se debruçou sobre as matérias que ganharam manchete nas capas de 80 edições durante os meses de março de 2020, 2021 e 2022, em uma análise de conteúdo inspirada na metodologia adotada pelo Global Media Monitoring Project (GMMP). Percebe-se a prática do jornalismo declaratório (HENRIQUES, 2020), pois temas de cunho político-partidário, e polêmicas políticas se sobrepuseram ao tema da saúde pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo impresso; Pandemia de Covid-19; A Gazeta; Desinformação; Acontecimento.

### **Introdução**

Este trabalho apresenta dados e discussões preliminares de uma pesquisa maior inspirada na metodologia empregada pelo estudo internacional de gênero na mídia, Global Media Monitoring Project (GMMP) e, também, por movimentos analíticos do Pauta Gênero - Observatório de Comunicação e Desigualdades de Gênero, da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O objetivo da investigação é compreender a produção de sentido realizada pelo jornal impresso A Gazeta, com destaque para o período mais crítico da pandemia de Covid-19 e como a desinformação pode atravessar a cobertura do periódico durante os meses de março de 2020, 2021 e 2022, resultando na coleta de 80 edições e na análise específica das matérias que ganharam manchete.

A cobertura jornalística passou por diversas adaptações durante a pandemia de Covid-19. Para captar todas essas nuances, este trabalho buscou se inspirar também no

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da UFMT, email: ro893316@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo e do PPGCOM da UFMT, email: tamires.coelho@ufmt.br

protocolo de cobertura instituído por Silva e Maia (2011, p. 19), em que afirmam que os acontecimentos veiculados no impresso precisam ser investigados além do fato em si, mas sim na forma da produção desses discursos jornalísticos, nas técnicas empregadas na apuração até a conclusão da notícia. Os três passos para alcançar essa observação, conforme Silva e Maia (2011), passam pelas marcas de apuração, marcas de composição do produto e, por fim, pelos aspectos da caracterização contextual do acontecimento.

Fundado no dia 23 de maio de 1990, o jornal A Gazeta celebrou o início de suas atividades reunindo várias autoridades políticas daquele período e grandes personalidades da sociedade, colocando-se como a “primeira redação informatizada do Centro-Oeste”. Apesar da crise econômica que o estado atravessava, tendo em vista o contexto do país com o Plano Collor, o jornal se mostrava financeiramente forte para abrir as portas do que iria se tornar um conglomerado midiático de impresso, rádio, TV e site, o Grupo Gazeta de Comunicação. O editorial que trata da comemoração de aniversário do veículo na edição de 23 de maio de 2021 destaca A Gazeta como “alicerce da verdade”, que “se dedica a absorver a explosão de conteúdos do dia anterior e a entregar ao leitor um material ‘redondo’ e tratado sob uma ótica mais analítica e profunda” (A GAZETA, 2021), reforçando valores jornalísticos considerados tradicionais, como “objetividade” e “neutralidade”.

### **Pandemia como acontecimento**

Para tratar sobre a pandemia, vamos discorrer sobre a definição de acontecimento, segundo Vera França (2012), a partir de dois sentidos. O primeiro estabelece uma ordem existencial, já o segundo, algo narrativo e simbólico. Pode parecer um pouco óbvio ao senso comum, mas se desdobrar sobre essa definição cumpre esclarecer a respeito da construção da notícia, o que permite alcançar uma compreensão mais profunda sobre a cobertura jornalística, muito menos neutra e objetiva do que os veículos proclamam.

Desse modo, o acontecimento é visto como algo que rompe a normalidade da rotina, capaz de quebrar uma sequência tranquila de um dia a dia. Esse rompimento, conforme França (2012), produz uma desorganização passageira, o que gera, também, questionamentos, dúvidas, incertezas e expande as possibilidades do que pode acontecer como consequência. A pandemia de Covid-19, por exemplo, pode ser vista por esse prisma como uma espécie de “macroacontecimento”, ou meta-acontecimento, que

atravessou diversos outros acontecimentos cotidianos, com desorganizações em vários níveis, estruturas sociais e instituições. Havia incertezas sobre o que poderia acontecer no dia seguinte devido ao grau de imprevisibilidade e ineditismo a ela atrelados.

Partindo de França (2012), a pandemia atravessa tanto a ordem existencial quanto a simbólica. O impacto desta última, segundo França (2012), pode ser aferido em novos acontecimentos e em diferentes locais, não somente no suporte midiático, o que abre um potencial ciclo vicioso de causa e efeito ininterrupto. Para Rodrigues (1993), o meta-acontecimento segue as regras do mundo simbólico, da enunciação, o que significa que “a sua lógica não é, por conseguinte, explosiva, como nos acontecimentos referenciais, mas implosiva. Os meta-acontecimentos são, por isso, acontecimentos discursivos”. (RODRIGUES, 1993, p. 30). Com isso, a estratégia que movimentava esse ciclo ininterrupto se baseia na fiabilidade e na credibilidade do jornalista que reporta o fato e constrói esse discurso na mídia, e não somente na observação e verificação do acontecimento, o que explica a onda de desinformação tão crescente e de ataques à classe jornalística, intensificada ao longo da pandemia de Covid-19.

### **Desinformação**

Segundo Matthew D’Ancona (2017, p. 57), a era da pós-verdade pode ser compreendida como a desvalorização de construções de verdade baseadas em elementos verificáveis, privilegiando escolhas pessoais de “verdades mais atrativas”, mais convenientes, confortáveis, sem questionamento de crenças pessoais, pelo contrário, elas são indubitavelmente reforçadas. Desse modo, o que importa, realmente, não é a veracidade dos fatos em si, mas sim sua verossimilhança aliada ao impacto emocional causado por uma construção discursiva, cuja versão enaltece uma única visão ideológica e enviesada.

A desinformação confronta diretamente o jornalismo, pois sua função primordial é revelar a complexidade, o paradoxo da vida pública, questionar autoridades políticas e fortalecer a democracia e a cidadania ao fornecer informações apuradas, críveis e confiáveis sobre as decisões tomadas pelas personalidades e/ou figuras públicas que afetam toda a sociedade. No entanto, a própria imprensa deu força para que a era da pós-verdade eclodisse, conforme Patrícia Campos Mello (2020), ao dar palco para duas versões de um fato quando, na verdade, não havia dois lados e, sim, o esforço em

transmitir credibilidade para um lado debatedor que não tinha qualquer legitimidade no assunto.

### **Alguns dados e resultados**

Das 80 edições levantadas por esta pesquisa, apenas dois exemplares trouxeram o termo “Fake News” na capa, o primeiro para noticiar um caso sobre a propagação do vírus na edição do dia 24 de março de 2020, intitulado “Polícia investiga supostos áudios fakes”. O segundo relata que foi identificado um segundo suspeito de ter feito “fake News” contra a gestão de um importante hospital particular em Cuiabá, na edição do dia 4 de março de 2021.

Além desses casos citados acima, não houve nenhuma matéria ou reportagem com foco na desinformação durante os meses de março de 2020, 2021 e 2022. Isso levanta uma dúvida a respeito da importância atribuída ao assunto pelo jornal. Além disso, o periódico se vê como alicerce da própria verdade e projeta isso nas coberturas das edições analisadas. Essa visão reforça a ideia de que, portanto, quem lê o jornal não precisaria discutir a respeito de desinformação, quem lê não cai em mentiras, não acreditaria em “fake news”.

Outro fator intrínseco à cobertura da pandemia de Covid-19 e que, também, revela uma projeção de público, se deve ao papel da desinformação nesse período, aliada em certa medida com o jornalismo declaratório (HENRIQUES, 2020), pois temas de cunho político-partidário, e polêmicas políticas se sobrepuseram ao tema da saúde pública.

### **REFERÊNCIAS**

D’ANCONA, Matthew. Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Faro Editorial: São Paulo, 2018.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

HENRIQUES, Rafael Paes. O jornalismo declaratório e a objetividade jornalística. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 3 a 6 de Novembro de 2020.

MELLO, Patrícia Campos. A máquina do ódio. Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

SILVA, Gislene e MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. Rumores: edição 10, ano 5, julho-dezembro 2011.



RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** Questões, teorias e estórias. Tradução: Luís Manuel Dionísio. 1 ed. Lisboa: Vega, 1993, p.27-33.